



John Keegan

# A MÁSCARA DO COMANDO



COMO OS GRANDES LÍDERES  
MILITARES DETERMINARAM  
O CURSO DA HISTÓRIA

Tradução de  
Susana Sousa e Silva

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMIX

© 2009, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

© 1987, John Keegan

Título original: *The Mask of Command.*  
*A Study of Generalsbip*  
Autor: John Keegan  
Tradução: Susana Sousa e Silva  
(Agradecemos a colaboração inicial  
de Francisco Manso.)  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Vera Tavares

1.ª edição: Fevereiro de 2009

ISBN 978-972-8955-86-1  
Depósito Legal n.º 287688/09

*Para a Susanne*



# ÍNDICE

Agradecimentos 11

## INTRODUÇÃO

*A Liderança Pré-Heróica* 13

## CAPÍTULO 1

*Alexandre, o Grande, e a Liderança Heróica* 29

O Pai de Alexandre 33

Os Feitos 39

O Reino da Macedónia 52

O Exército Macedónio 54

O Estado-Maior de Alexandre 61

Alexandre e os Seus Soldados 66

Cerimonial e Teatro 70

A Oratória de Alexandre 78

Alexandre no Campo de Batalha 85

Alexandre e a Máscara do Comando 118

## CAPÍTULO 2

*Wellington: o Anti-Herói* 125

Wellington, o Homem 139

Wellington e a Sociedade Militar Ocidental 151

O Exército de Wellington 168

O Estado-Maior de Wellington 175

A Rotina de Wellington 182

Wellington e a Apresentação Pessoal 185

Wellington no Campo de Batalha 191

Observação e Sensação 202

## CAPÍTULO 3

*Grant e a Liderança Não Heróica* 215

Grant e o Progresso da Guerra 222

A Carreira Profissional de U.S. Grant 233

O Exército de Grant	245
O Estado-Maior de Grant	254
Grant em Campanha	263
Grant, o Combatente	270
Grant e a Democracia Americana	295

#### CAPÍTULO 4

##### *O Falso Herói.*

<i>Hitler como Comandante Supremo</i>	303
A Guerra e o Mundo de Hitler	314
A Guerra de Hitler	332
Os Soldados de Hitler	344
O Quartel-General de Hitler	351
Hitler no Comando	364
Hitler e a Encenação de Liderança	385

#### CONCLUSÃO

##### *O Pós-Heroísmo.*

<i>O Comando na Era Nuclear</i>	393
O Imperativo da Afinidade	400
O Imperativo da Prescrição	403
O Imperativo da Sanção	407
O Imperativo da Acção	411
O Imperativo do Exemplo	416
A Validação da Autoridade Nuclear	428

#### BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA 443

##### ÍNDICE REMISSIVO 449

#### MAPAS

<i>Percurso e extensão das conquistas</i>	
<i>de Alexandre 334-323 a.C.</i>	50
<i>Wellington em Waterloo, 18 de Junho de 1815</i>	140
<i>As campanhas de Wellington na Índia, 1799-1803</i>	147
<i>As campanhas de Wellington</i>	
<i>na Península Ibérica, 1808-14</i>	149
<i>Teatro de operações da</i>	
<i>Guerra Civil Americana, 1861-5</i>	278
<i>Grant na Batalha de Shiloh, 6-7 de Abril de 1862</i>	284
<i>O império de Hitler e a localização dos</i>	
<i>seus quartéis-generais, 1939-45</i>	354

## Agradecimentos

INICIEI a escrita deste livro na Royal Military Academy of Sandhurst, prossegui durante o tempo em que fui professor convidado do Davis Centre da Universidade de Princeton, em 1984, e conclui-a já depois de ser correspondente para a área da defesa do *Daily Telegraph*, em 1986. Agradeço aos meus colegas destas três instituições pelo grande apoio e encorajamento que me deram. Estou particularmente grato aos Drs. Christopher Duffy, Richard Holmes, John Pimlott, Patrick Griffith, Anthony Clayton e John Sweetman e ao Sr. Keith Simpson, de Sandhurst, bem como aos Profs. Drs. Lawrence Stone, Theodore Rabb, Richard Challenor e Sean Willentz, de Princeton, e aos Srs. Max Hastings e Andrew Hutchinson, a Lord Deedes, aos Srs. Nigel Wade, James Allen e Daniel Johnson e a Claire Jordan, do *Daily Telegraph*.

Devo também agradecer ao pessoal de várias bibliotecas, mais exactamente a John Hunt e aos seus colaboradores da Central Library, à Royal Military Academy of Sandhurst, a Michael Sims e à sua equipa da Staff College Library, a John Andrews e a Nieves Simpson da Biblioteca do Ministério da Defesa, e aos funcionários da Biblioteca Firestone da Universidade de Princeton e da Biblioteca de Londres.

Muitos militares, de alta e baixa patente, contribuíram para que eu formasse uma ideia sobre o que é o comando, durante grande parte dos 25 anos que passei na sua companhia. Gostaria, em particular, de deixar aqui um agradecimento ao marechal de campo lorde Bramall, aos tenentes-generais Sir George Gordon-Lennox e Sir John Chapple, ao brigadeiro Peter Young, aos coronéis Michael Hardy e Giles Allen, ao tenente-coronel Alan Shepperd e ao capitão Desmond Lynch, do exército britânico, ao major-general David Butler, do exército australiano, ao coronel Berthold Schenk Graf von Stauffenberg, do exército alemão, ao tenente-coronel Michel Camus,



do exército francês, e aos generais Alfred C. Wedemeyer, Mark Clark e William Westmoreland, do exército dos Estados Unidos.

O manuscrito foi decifrado e dactilografado por Monica Alexander, a quem estou, como sempre, profundamente grato. O dito manuscrito só chegou às suas mãos graças ao apoio, conselhos e encorajamento do meu agente literário e grande amigo, Anthony Sheil, e da sua sócia transatlântica, Lois Wallace, também amiga de longa data. Deixo também um enorme agradecimento aos meus editores, Liz Calder, Tony Colwell, Alan Williams e, em particular, a Elisabeth Sifton, que reviu e corrigiu grande parte do manuscrito. Agradeço a Alison Mansbridge pela sua revisão tipográfica extremamente competente. Tenho, ainda, uma especial dívida de gratidão para com o meu amigo Paul Murphy, pelo seu apoio e compreensão.

E, por fim, aqui deixo todo o meu amor e agradecimento aos meus filhos, Lucy (e ao seu marido Brooks Newmark), Thomas, Rose e Matthew, e à minha querida mulher, Susanne, a quem ofereço este livro como prenda para a nossa nova casa.

JOHN KEEGAN  
Kilmington Manor  
7 de Maio de 1987

INTRODUÇÃO

A Liderança Pré-Heróica



ESTE livro é sobre generais, quem são, o que fazem e de que forma aquilo que fazem afecta o mundo onde vivemos. É de esperar que eu utilize um ou outro dos métodos preferidos por aqueles que antes abordaram o tema: o método das «características» ou o método dos «comportamentos». O primeiro parte do pressuposto de que aqueles que exercem a autoridade militar revelarão, quando analisados, um determinado conjunto de características comuns. O segundo tenta identificar padrões de comportamento que distingam o líder do seguidor. Os estudos das «características» tratam de qualidades como a energia, a tomada de decisões e a autoconfiança. Os estudos dos «comportamentos» analisam o papel do encorajamento, da dissuasão e da coerção.

Tanto um como outro são métodos dos cientistas sociais e, como acontece com todas as ciências sociais, condenam quem os pratica ao tormento de tornar universal e geral aquilo que é obstinadamente local e particular. Não sou um cientista social, mas sim um historiador e tenho, por isso, liberdade para acreditar que a liderança militar de uma época e lugar poderá não se assemelhar de todo à de outras circunstâncias. Mas não se trata apenas de ter essa liberdade, pois acredito, de facto, que é assim, e cada vez com mais convicção ao fim de 30 anos de prática do ofício. Características e comportamentos comuns vejo-os, sem dúvida, em comandantes de todas as épocas e lugares. Contudo, apercebo-me melhor ainda de que a forma de fazer a guerra de uma sociedade pode diferir tanto da de outra, que as características e comportamentos comuns dos seus dirigentes se tornam secundários face aos diferentes objectivos que eles perseguem e às funções que desempenham.

Com efeito, um general — palavra, ela própria, plena de ambiguidade — pode ser muito mais do que apenas comandante de um exército,

embora obviamente também o seja. Pode ser rei ou sacerdote. Alexandre, o Grande, era as duas coisas. Pode ser diplomata. Marlborough e Eisenhower, cada um à sua maneira, eram exímios nas artes da conciliação e da estratégia. Pode ser um pensador mais do que um concretizador. As qualidades de Moltke, o Velho, eram mais intelectuais do que executivas. Pode comandar em nome de um monarca, como aconteceu com Wellington, ou mandatado por uma assembleia democrática, como a que outorgou o poder a Grant. Pode ser obedecido apenas enquanto as suas decisões assegurarem a vitória, a sorte madrastra reservada aos generais dos estados bóeres livres. Pode ser um demagogo transformado em tirano e, ainda assim, conservar a sua autoridade militar, como foi o caso de Hitler até quase ao derradeiro momento.

Em síntese, a liderança militar é muito mais do que o simples comando de exércitos no campo de batalha, pois, e utilizando uma frase feita, um exército é expressão da sociedade que o cria. Os objectivos por que luta e a forma como o faz serão, por conseguinte, em larga medida determinados por aquilo que essa sociedade pretende de uma guerra e até onde espera que o seu exército vá para alcançar esse resultado. Se for dotado de um carácter forte e tiver um comportamento eficaz, um general pode levar quer a sociedade quer o exército bastante mais longe do que ambos julgavam desejar ir. No entanto, mesmo quando tem nas mãos o poder político e o comando militar, como sucedia com Alexandre, também ele agirá em última análise como um homem do seu tempo e lugar. Ao inteirar-se, na Índia, de que o seu exército estava mais ansioso por voltar à Grécia do que por conquistar novos mundos, Alexandre conseguiu dar mostras de magnanimidade e ordenar o regresso a casa.

A desvalorização das particularidades da liderança por parte dos cientistas sociais tem beneficiado do apoio de aliados improváveis, os teóricos da estratégia. A ciência social vê-se a si própria como uma disciplina benéfica que tem como objectivo, entre outros, retirar importância à estratégia apresentando uma explicação racional para as causas do combate. Mas os teóricos da estratégia são também, à sua maneira, cientistas sociais. Porque pretendem — e este é um objectivo recente, já que a teoria estratégica na sua forma mais pura era desconhecida até ao século XVIII — reduzir os fenómenos caóticos da guerra a um sistema de traços essenciais, suficientemente esquematizados para que uma mente organizada obedeça ao seu

objectivo. O processo de desenvolvimento da teoria estratégica tem sido semelhante ao da teoria económica. Da mesma forma que os economistas modernos chegaram à conclusão de que os objectivos dos mercantilistas — para quem o comércio era uma forma de conquista gradual — se baseavam em ideias erradas, também os estrategas modernos defendem que os métodos e aspirações dos antigos executantes da arte da guerra partiam de concepções erradas.

Ironicamente, a economia e a estratégia evoluíram em direcções totalmente opostas. Os economistas modernos defendem a moderação, argumentando que todos enriquecem quando ninguém procura ficar em vantagem. Os estrategas modernos ensinam exactamente o contrário, insistindo em que na guerra não há lugar para uma moderação como a que parecia impregnar o tipo de guerra travado por governos e por monarcas. A sua única justificação é a vitória, e esta consegue-se através de métodos de extrema implacabilidade: decisão, concentração e acção ofensiva. São estes «os princípios da guerra» que devemos ao maior dos teóricos da estratégia, Karl von Clausewitz, que começou a publicar as suas obras no início do século XIX.

A cronologia do desenvolvimento da teoria estratégica é de importância capital. À semelhança de Marx, Clausewitz é habitualmente apresentado como uma entidade à margem do tempo, como uma mente mais poderosa do que qualquer outra que se tenha dedicado ao objecto de estudo da sua eleição. Ambos raramente se submetem ao rigor da contextualização. E, no entanto, quando estão em jogo teorias tão poderosas como as suas, o contexto é tudo. Marx pôde defender a primazia da propriedade dos meios de produção como um elemento determinante das relações sociais, em grande medida porque na época em que escreveu a economia e o investimento dominavam todas as outras forças da sociedade, e a classe militar — exausta devido às guerras napoleónicas e desanimada pela derrota dos seus interesses na Rússia em 1825, e em França em 1830 — registava índices de autoconfiança anormalmente baixos. E, no entanto, o poder militar, representado na sua forma mais crua e simples pelo princípio do barão-assaltante\*, pode, obviamente, sempre que o desejar, iludir o financeiro e o investidor, como é amplamente comprovado pela história do investimento em zonas instáveis do mundo. Como pode, de resto, iludir os líderes revolucionários que confiam na força

\* *Robber-baron* no original. Termo usado para caracterizar o banqueiro ou o homem de negócios que usa práticas ilícitas para enriquecimento ou benefício próprios. (N. da t.)

das leis «históricas». Marx, que, no seu íntimo, reconhecia ambas as verdades, temia mais que ninguém o temperamento — e, em última análise, a classe militar é autónoma, mais por temperamento do que por interesse material — que não hesita em pegar em armas apenas pelo prazer do derramamento de sangue, incentivando a toda a hora os politicamente conscientes a conhecerem os hábitos e a disciplina da classe militar, como a forma mais simples de defender e fazer avançar a revolução.

Também Clausewitz deve ser contextualizado, embora raramente o seja. Os seus famosos «princípios da guerra» — originalmente escritos como um texto escolar para o príncipe herdeiro da Prússia — são, de certa forma, conselhos para os menos avisados. É inconcebível que Alexandre, César, Frederico, o Grande, ou mesmo Wellington precisassem de ser lembrados de que um general deve economizar os seus recursos e usá-los apenas da forma adequada — justamente o que os princípios da «decisão», da «concentração» e da «acção ofensiva» aconselham. Ainda menos concebível é que fosse necessário recordar a qualquer um deles, como consta dos trabalhos finais de Clausewitz, que «a guerra é a continuação da política por outros meios». Alexandre, César, Frederico, o Grande, e até Wellington — que fora deputado e ministro — tinham a guerra e a política na massa do sangue. Todos eles aceitavam, sem necessidade de reflexão consciente, a inter-relação entre força e persuasão, todos sabiam até onde a força pode ser exercida de forma útil e todos conviviam com a certeza de que há limites para os sacrifícios morais que podem ser exigidos aos povos, bem como para os sacrifícios materiais que podem ser impostos às suas vidas económicas.

Os grandes textos de teoria estratégica que começaram a surgir no início do século XIX, entre eles a obra *Da Guerra*, de Clausewitz, incomparavelmente a mais incisiva e influente, devem, por conseguinte, ser vistos como produtos daquele tempo e lugar. Clausewitz é muitas vezes designado como «o intérprete de Napoleão», mas essa descrição engana, porque é completamente circular. Apesar de Napoleão ter alcançado o poder por si próprio e não por prerrogativas de nascimento ou por ter sido empurrado para ele, era simultaneamente um soberano e um comandante, de uma forma quase idêntica e com os mesmos objectivos de Alexandre. Também ele sabia que a guerra é uma extensão da política por outros meios e o seu poder imperial foi um exercício controlado nessa dualidade. Clausewitz, que tam-

bém pode ser caracterizado como «o intérprete de Alexandre» ou de César, Wallenstein, Frederico, o Grande, ou qualquer outro estadista-general, não escrevia para ele próprio, nem para outros como eles. Pelo contrário, escrevia para uma nova classe de guerreiros, cuja educação e cujo modo de vida afastavam deliberadamente os seus membros das realidades da política.

Esta classe era o produto da divisão do trabalho em sociedades que se complexificavam rapidamente. A Europa manteve-se, quase até ao final do Antigo Regime, uma sociedade em que a classe dominante era também a classe militar. A espada, apetrecho indispensável para quem pretendia usar um título nobiliárquico, era o símbolo exterior dessa identificação. Todavia, a riqueza crescente de alguns estados do Antigo Regime produziu classes — de comerciantes, juristas, académicos — que não admitiam ser excluídas da política simplesmente porque a sua condição não lhes permitia o uso da espada. A Revolução Francesa foi, por isso, também uma revolta dos que não tinham espada contra os que a tinham e o seu sucesso foi, nesse aspecto, inegável. Em consequência dos acontecimentos de 1789, o poder transferiu-se, de facto, das mãos dos que possuíam a riqueza por força de antigos feitos de armas para as dos que a produziam, extraíam, manipulavam ou emprestavam. Nesse sentido estrito, mas redutor, a observação de Marx era exacta. Seja como for, a separação entre os militares e a classe dominante, bem como o decréscimo da sua influência, não resultou na sua extinção. Pelo contrário, a classe militar ramificou-se simplesmente e em duas direcções opostas. De acordo com a primeira, o *estatuto* militar transferiu-se de poucos para muitos. «Todos os homens são soldados», fora uma das principais palavras de ordem da Revolução e uma das mais poderosas por tudo o que nela estava implícito. De acordo com a segunda, o *comando* militar passou de amadores para profissionais. A antiga classe com direito a usar a espada, que justificara a sua primazia social com a sua disponibilidade para assumir o comando nas batalhas, abdicou do monopólio da liderança militar a favor de uma nova classe, que em parte, mas não só, teve origem nela própria e cujo único objectivo era o oficialato.

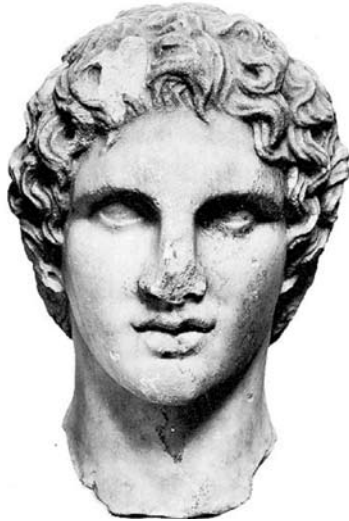
Estes desenvolvimentos não eram contraditórios, mas sim complementares. A libertação política exigia, logicamente, que todos os cidadãos suportassem em partes iguais os fardos militares do Estado. Os enormes exércitos que resultaram da criação do serviço militar universal tiveram de passar a ser comandados por homens cuja





CAPÍTULO I

Alexandre, o Grande,  
e a Liderança Heróica





IMAGINE um Napoleão escocês, ou um Bonny Prince Charlie\* com ambições europeias, que, depois de reconquistar a Escócia ao rei Jorge II, parte à frente dos seus clãs à conquista da Inglaterra — um mero preliminar —, atravessa depois o Canal da Mancha para defrontar e derrotar o exército francês no Rio Somme, após o que segue para sul, em direcção a Espanha, para sitiar e subjugar as suas principais fortalezas, regressa ao norte para desafiar o sacro-imperador romano, que defronta por duas vezes até conseguir derrotá-lo, apodera-se da coroa imperial, incendeia a capital do império, enterra o cadáver do seu imperador e, por fim, parte para oriente, para terçar armas com o czar da Rússia ou o sultão da Turquia. Imagine tudo isto concentrado, digamos, entre os anos de 1745 e 1756, entre o vigésimo segundo e o trigésimo terceiro aniversários do jovem príncipe. Imagine que à data da sua morte, aos 32 anos, as coroas da Europa são repartidas entre os seus seguidores. Lorde George Murray reina em Madrid, o duque de Perth em Paris, lorde Elcho em Viena, John Roy Stewart em Berlim, Cameron de Lochiel em Varsóvia, um bando de chefes de clã trajando à escocesa grita por uísque nas pequenas cortes do sul da Alemanha, e Londres é defendida por uma guarnição de escoceses de joelhos ao léu. Imagine, finalmente, a maior parte do império jacobita sobrevivendo até ao século XIX, partes dele até ao século XX e um derradeiro fragmento até ao século XXI.

Ou, se preferir, imagine um George Washington Bolívar, um Pai Fundador que decide ser também o libertador da América Latina e que, depois de suportar o longo Inverno de Valley Forge e os reveses dos anos da Guerra da Independência, regozijando-se por fim com a capitulação de Yorktown, concebe o ambicioso plano de libertar

\* Charles Edward Stuart (1720-1788), pretendente exilado aos tronos de Inglaterra, Escócia e Irlanda. (N. da t.)

todas as Américas do domínio estrangeiro. Imagine-o a embarcar o Exército Continental nos navios da recém-criada Marinha dos Estados Unidos, zarpando depois para sul para expulsar as tropas espanholas do México, guarnecer as Índias Ocidentais com soldados da Virgínia ou da Nova Inglaterra e desembarcar nas costas da América do Sul. Então, assegurada a vitória no Peru, atravessa os Andes, derrota o exército espanhol a oriente e morre ao aproximar-se do império do Brasil.

Tudo isto nos permite ter uma ideia de quão extraordinária foi a carreira de Alexandre, o Grande. As distâncias e obstáculos de cada um dos seus feitos ultrapassam a imaginação — e não têm, de facto, paralelo com qualquer outra realidade, a não ser com a própria vida de Alexandre. É claro que o mundo conheceu outros conquistadores extraordinariamente ambiciosos: Átila, o Huno, cujos cavaleiros chegaram até às portas de Roma, no século v, vindos da Ásia Central; os sucessores árabes de Maomé, que recuaram para Espanha após a derrota nas margens do Loire, no século viii; e os filhos de Gengis Khan que, no século xiii, ameaçaram Veneza e Viena com os seus guerreiros mongóis. Napoleão, que era um entusiasta da epopeia de Alexandre, quase repetiu os seus feitos nos anos que transcorreram entre Rivoli, 1797, e Moscovo, 1812, o mesmo acontecendo com Hitler, cujos incipientes conhecimentos de cultura clássica lhe despertaram idêntica admiração por Alexandre. A orgia de vitória deste último foi, evidentemente, ainda mais concentrada no tempo do que a de Napoleão, o qual, por sua vez, entrou em combate com uma frequência superior à de Alexandre. E, no entanto, as façanhas destes extraordinários conquistadores jamais conseguiram igualar as do original. Napoleão e Hitler raramente se aventuraram para além dos limites do seu continente. Átila, os árabes e os mongóis atravessaram as fronteiras da Ásia, mas apenas a floraram o coração da Europa. Alexandre, em contrapartida, começou por se tornar senhor do mundo grego, transferindo-se em seguida para outro, o Império Persa, para, finalmente, se lançar na aventura de conquistar um terceiro, a Índia. Quando morreu, em Junho de 323 a.C., dominava a maior porção de superfície terrestre alguma vez conquistada por um único indivíduo — à excepção do breve império de Gengis Khan — e era suserano, imperador ou rei, do Monte Olimpo aos Himalaias. Quem era Alexandre e como conseguiu fazer o que fez?

## O Pai de Alexandre

Alexandre, que terá nascido em Julho de 356 a.C., era filho de Filipe II da Macedónia e da sua mulher, Olímpia. Não era o primeiro filho do rei, e Olímpia também não era a sua primeira mulher. Filipe, um homem intensamente físico em todos os sentidos, casara já por três vezes e tinha três filhos legítimos. Viria a casar outras tantas vezes, pelo que o número exacto dos seus descendentes, legítimos e ilegítimos, nunca seria consensual. Tomava as mulheres onde as encontrava, e elas eram muitas, pois passava a vida de um lado para o outro a impor a sua vontade ao mundo, não sendo por isso de admirar que o resultado dos seus encontros com elas fosse desconhecido.

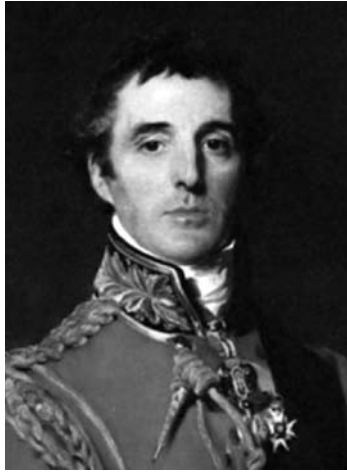
O seu casamento com Olímpia, no entanto, foi por amor, um sentimento surgido durante a celebração de certo tipo de cerimónias religiosas misteriosas e orgíacas, um ano antes do nascimento de Alexandre na ilha egeia de Samotrácia, e nas quais nenhuma rapariga de carácter mais recatado teria participado. Olímpia, que já era divorciada, não tinha de facto reputação de mulher recatada, nem viria a adquiri-la com o tempo. Apesar de se terem desentendido pouco depois, a atracção entre ambos foi provavelmente uma atracção entre dois espíritos mais equivalentes do que complementares — indomáveis, carnis e sem o menor apreço pelas convenções. Ambos eram de sangue real e, numa época em que a realeza se afirmava aparentada com os deuses, nenhum dos dois terá julgado necessário apelar à intervenção de casamenteiros ou cortesãos para expressar o que sentiam um pelo outro.

Alexandre foi o resultado imediato da sua paixão, e provavelmente o único. A guerra, a política e o arrefecimento do amor rapidamente afastaram Filipe de Olímpia, a cujos cuidados Alexandre parece ter ficado entregue durante a infância e adolescência. Segundo se sabe, o pai apenas terá começado a interessar-se pela educação que o filho estava a receber quando este teria já cerca de 12 anos. Esta obedecia ao modelo habitualmente destinado a qualquer jovem príncipe da época. Aprendera, por isso, a cantar e a tocar lira, artes de que retiraria grande prazer ao longo de toda a vida; sabia caçar e até ao fim dos seus dias caçaria ursos, leões, aves e raposas, sempre que tinha um momento livre; fora instruído nos rituais da hospitalidade e aos dez anos já se notabilizava pela distinção e elegância com que recebia os



## CAPÍTULO 2

# Wellington: o Anti-Herói







«NUNCA uma batalha me deu tanto trabalho», afirmou Wellington depois da Batalha de Waterloo. Foi uma afirmação importante. Em 1815, o número de batalhas travadas era de tal modo elevado que até ele teria dificuldade em enumerá-las. Ao todo comandara 16 batalhas e oito cercos e participara em mais alguns confrontos como oficial subalterno. Sabe-se que foi ferido pela primeira vez a 15 de Setembro de 1794, nos Países Baixos, de onde se conclui que terá participado, em média, numa batalha ou cerco por ano, e se deduzirmos os vários anos de paz e as suas diversas comissões como oficial de Estado-Maior, comprovar-se-á que a incidência anual terá sido, na realidade, superior. Em 1811, e só durante o mês de Março, participou em quatro pequenas acções ofensivas, em 1812 comandou dois cercos e alcançou a grande vitória de Salamanca — considerada a sua «obra-prima» por aqueles que escrevem sobre batalhas nestes termos. Waterloo, no entanto, permaneceria como o feito mais marcante, tanto para a história da Europa, como para a sua reputação e as suas memórias. «Nunca vivi uma situação tão desesperante... Nunca estive tão próximo da derrota.»

Se tal não se verificou foi em grande parte devido aos seus esforços. A energia de Wellington era lendária, bem como a sua atenção ao pormenor, a relutância em delegar, a capacidade de quase não dormir nem comer, a indiferença que votava ao conforto pessoal e o menosprezo pelo perigo. Ao longo dos quatro dias da campanha de Waterloo, no entanto, até os seus rígidos padrões de coragem e ascetismo foram excedidos.

Praticamente não dormiu. Na quinta-feira, 15 de Junho, quando pouco antes do início do baile organizado pela duquesa de Richmond, em Bruxelas, foi informado de que Napoleão atacara os seus aliados prussianos, não se deitou antes das três horas da madrugada seguinte,

tornando a levantar-se às cinco. Na noite do dia 16 pernitoou na estalagem Roi d'Espagne, em Genappe, onde se recolheu à meia-noite, estando novamente a pé às três da manhã. Na noite seguinte, já na aldeia de Waterloo, recolheu entre as 11 horas e a meia-noite, mas às três da madrugada de domingo, dia 18 de Junho, o dia da batalha, já estava a escrever cartas. Deste modo, além de uma curta sesta na manhã do dia 17 de Junho, dormira apenas nove horas desde que se levantara, bem cedo, no dia 15 de Junho, até se deixar cair sobre uma enxerga, no seu quartel-general de campanha, nos dias 18-19 de Junho, pois cedera a sua cama a um dos oficiais do seu Estado-Maior, que agonizava. Nove horas de sono num total de 90; a explicação que o próprio Wellington daria a Lady Shelley, um mês mais tarde, para a forma como lidara com a tensão é suficientemente elucidativa: «Enquanto me encontro no centro da acção, estou demasiado ocupado para sentir alguma coisa.»

Quão ocupado terá ele estado? Muito, de facto. A sua primeira reacção ao avanço de Napoleão foi perguntar ao duque de Richmond, sem o desviar do cumprimento dos seus deveres de anfitrião, se tinha «um bom mapa em casa». Auxiliado por este, avaliou os perigos da situação («Napoleão *enganou-me*, com mil demónios! Leva um avanço de 24 horas de marcha sobre mim.») e regressou aos seus aposentos, adormecendo em seguida. «Não gosto de ficar deitado acordado, não é nada salutar. Tento nunca permanecer deitado se não estiver a dormir.» O descanso, porém, foi breve. Às cinco foi acordado por uma mensagem de Blücher, o general prussiano com cuja colaboração contava para chegar à vitória, e às cinco e meia dava as suas ordens.

Pelas oito estava a caminho do cruzamento de Quatre Bras, na estrada que ligava França a Bruxelas, à frente de um Estado-Maior constituído por 40 ou 50 funcionários e mensageiros. Era aí que tencionava proceder à primeira réplica. Chegou às dez horas, ditou um despacho dirigido a Blücher e ao meio-dia decidiu conferenciar pessoalmente com o seu aliado. Demorou uma hora a percorrer os quase dez quilómetros que o separavam de Ligny, reservou alguns minutos para a breve conferência e para uma inspecção à região circundante através do óculo, a partir de um moinho de vento, empreendendo a seguir a viagem de regresso a Quatre Bras, onde chegou pelas 14h20.

Foi recebido pelo fragor inicial de uma batalha que às três horas alcançava o seu momento alto. Nas duas horas seguintes, travou um combate de curta distância com os franceses, dispoendo os seus bata-

lhões, mandando avançar reforços, reagrupando unidades dispersas, colocando a artilharia em posição e, em determinado momento, fugindo a galope de uma investida da cavalaria francesa. Salvou-se por pouco, saltando por cima das baionetas do 92.º Regimento dos Gordon Highlanders («Deitem-se, 92.º!») e indo aterrar num ponto que o deixava a salvo dos soldados franceses. Às cinco, comandou as descargas do seu melhor contingente de infantaria a fim de repelir um ataque concertado da cavalaria e, às seis e meia, começou a acelerar a disposição de novos reforços. Pouco depois, dava ordem de batalha, e às nove, os franceses, a quem Napoleão dera já instruções para abandonarem o campo de batalha, tinham retirado. Wellington passara seis horas debaixo de fogo e muitas mais a cavalgar sem cessar ao longo das várias posições de uma frente de batalha com perto de dois quilómetros de extensão, ocorrendo ora a um lado ora a outro ao sabor das variações do combate. Fora uma tarde fisicamente cansativa, para não dizer esgotante do ponto de vista da tensão nervosa.

No entanto, quase não descansaria. Mal haviam sido disparados os últimos tiros, tanto ele como o seu Estado-Maior percorriam já os quase cinco quilómetros que os separavam da estalagem Roi d'Espagne, onde ceou e se deitou por volta da meia-noite. Levantou-se às três e às quatro e meia estava de regresso ao campo de batalha de Quatre Bras. Às seis, aguardava notícias dos prussianos, numa pequena cabana feita com ramos de árvore, junto à qual os soldados do 92.º Regimento dos Highlanders haviam ateadado uma fogueira. Ao ser informado da derrota prussiana em Ligny, no dia anterior, reconheceu ter chegado o momento de bater em retirada. Passou meia hora a estudar o mapa e depois, entre as oito e as nove horas, andou de um lado para o outro à entrada da sua cabana — o exercício dos «40 passos» a que se habituara durante os anos passados na Índia — com uma mão atrás das costas e a outra a abanar um pingalim que de vez em quando «mordia pensativamente», como observou um dos elementos dos Highlanders.

Pelas dez horas, as notícias que chegavam do lado prussiano eram mais desanimadoras, pelo que Wellington deu ordens para que o exército formasse uma zona de resistência na posição de Waterloo, a cerca de 13 quilómetros para a retaguarda. Enquanto assistia à partida das tropas, de vez em quando dirigia-se ao topo da coluna, a fim de controlar o avanço das linhas francesas. Nos intervalos, lia os jornais, rindo com satisfação dos boatos londrinos. Numa ocasião,



CAPÍTULO 3  
Grant e a Liderança  
Não Heróica





ÀS PRIMEIRAS horas de uma manhã de Primavera, no tempo da presidência de Abraham Lincoln, um homem baixo montado num enorme cavalo percorre velozmente a densa floresta que liga a margem ocidental do Rio Tennessee ao interior. A aba do chapéu mole e coçado quase toca as patilhas do rosto barbudo, onde transparece um semblante tenso e resoluto. Um casaco militar de corte grosseiro cobre-lhe os ombros. Apenas o diminuto grupo de oficiais que o segue a galope indica que se trata do general que comanda as hordas de soldados do Exército da União — alguns integrados em unidades organizadas e muitos entregues a si próprios e em fuga —, que inundam as clareiras e o terreno acidentado por onde todos avançam. O ar está saturado com os sons de fogo cerrado e ininterrupto, disparos de atiradores especiais, descargas fortuitas, tiros de mosquete e salvas de artilharia à queima-roupa. Por cima das suas cabeças, as folhas das árvores gemem, trespassadas por vagas de projecteis.

O homem baixo chama-se Ulysses Simpson Grant e é o comandante do District of West Tennessee. O dia é 6 de Abril de 1862 e o barulho é o eco das primeiras trocas de tiros da Batalha de Shiloh, que irrompeu cerca de duas horas antes. Atrás de Grant ficara o navio a vapor que o trouxera do seu quartel-general, situado oito milhas a jusante. Na sua frente, no teatro de operações ocidental da Guerra Civil Americana, as forças da União e da Confederação defrontam-se num combate brutal que o apanhara de surpresa, semeara o caos entre as suas tropas e lançara subitamente a dúvida sobre o desfecho da campanha do exército do norte no quartel-general do Mississípi.

Para muitos soldados de ambos os lados do conflito, era a primeira vez em que se enfrentavam em batalha, enquanto outros tinham aqui a primeira oportunidade de manusearem uma arma de fogo. Decidindo que a sua virilidade fora já suficientemente



testada nos combates de proximidade e em formação cerrada que haviam travado até ao momento, centenas de soldados das forças do norte recuavam em busca da segurança temporária oferecida pelas margens altas do Rio Tennessee. Eram tantos que nenhum oficial conseguiria reprimir o seu avanço. Outros mantinham-se firmes nas suas posições ou rendiam-se com a relutância digna de um militar. Para muitos, porém, a única maneira de se manterem em linha era agacharem-se atrás de fortificações suficientemente sólidas para travar a barragem de projecteis que varria as fileiras. Um observador avistou um grupo de 30 ou 40 soldados do norte enfileirados atrás de uma árvore de tronco largo, cada um agarrando com força o cinto do companheiro da frente, «enquanto um oficial de companhia andava de cá para lá, desvairado, incapaz de se controlar a si e aos seus homens».

Em muitas das posições, gritava-se por munições. O ataque sulista apanhara os nortistas desprevenidos, munidos apenas das balas e da pólvora que traziam nas respectivas cartucheiras, 60 cartuchos no máximo, na sua maioria disparados ou desperdiçados durante a primeira hora de combates. Nas alturas mais favoráveis, o exército do norte, que se valia da abundante produção das indústrias de armamento da Nova Inglaterra, fazia uma gestão perdulária das suas munições. Nos momentos de crise, malbaratava essas reservas tão facilmente obtidas. Aquele momento não constituía excepção, por isso quando iniciou o seu périplo pela fustigada frente de batalha das suas tropas, Grant começou por acudir aos pedidos de munições. Sabia que os sulistas, sempre a braços com problemas de aprovisionamento, apenas podiam sair vitoriosos de um combate armado se as forças do norte gerissem mal os seus recursos, que eram superiores.

Depois de ter dado as ordens necessárias, Grant virou o seu cavalo a fim de percorrer a frente de ataque e avaliar o estado da mesma. Deparou-se com uma situação de confusão generalizada, à beira do colapso. Os combates haviam começado antes do amanhecer, quando patrulhas das principais divisões do seu exército, que não esperavam encontrar qualquer oposição ao seu avanço para território controlado pelas forças sulistas, surpreenderam um forte contingente do exército confederado no momento em que este lançava um ataque ao corpo principal do seu exército, que se encontrava acampado. Após algumas trocas de tiros com a vanguarda do exército confederado, as patrulhas recuaram até à linha principal, constituída por regimen-

tos na sua maioria sem experiência de combate e comandados por oficiais tão novatos quanto os homens que tinham às suas ordens. Um desses regimentos, o 53.º de Ohio, perdera o respectivo coronel após a segunda salva de artilharia. Gritando «Retirem e salvem-se», largara a correr em direcção a uma posição segura, adiantando-se a muitos dos seus soldados. Outro, o 71.º Regimento de Ohio, vira o seu coronel esporear o cavalo e afastar-se a toda a brida no exacto momento em que o inimigo surgira. O coronel de um terceiro regimento, o 6.º de Iowa, estava visivelmente embriagado e incapaz de dar uma ordem que fosse, pelo que o seu brigadeiro foi obrigado a dar-lhe voz de prisão. Nunca viria a saber-se se passara a noite a beber ou se se embebedara ao pequeno-almoço. No primeiro ano da Guerra Civil, tanto uma como outra eram situações perfeitamente admissíveis.

Até os oficiais subalternos mais competentes de Grant estavam em dificuldades. Sherman, que dois anos mais tarde marcharia sobre a Geórgia, vira o seu cavalo ser ferido enquanto o montava, tendo ele próprio sido atingido numa das mãos. O exército confederado tentava tornear o flanco desguarnecido da sua divisão e não estava a dar-lhe tréguas. Prentiss, no centro, estava a ser obrigado a recuar. As divisões posicionadas à esquerda cediam terreno ao longo da margem do rio. Em Pittsburg Landing, onde Grant desembarcara, grupos de desertores em busca da segurança oferecida pelas margens elevadas do rio formavam uma massa humana cada vez mais compacta, que não parava de aumentar. A meio da tarde seriam cinco mil — 15 mil, segundo algumas fontes —, possivelmente um quinto do exército de Grant. Muitos estavam desarmados e a todos faltava o ânimo para prosseguir o combate.

Aqueles que, movidos pela coragem ou inibidos pela coacção ou pela falta de oportunidades de fuga, haviam permanecido em linha — muitos mais se teriam escapulado, não fora a presença da cavalaria ou o terreno acidentado que se prolongava à retaguarda — passavam pela mais atroz das experiências. Dezenas de soldados do 55.º Regimento de Illinois foram dizimados ao serem apanhados numa zona oca do terreno quando tentavam uma manobra de retirada através de uma ravina exígua. «Nunca vi cena mais cruel em toda a guerra», afirmou um major do Mississípi, falando em nome de um exército confederado que pressentia a vitória e era comandado por A.S. Johnston, um general cuja estrela brilhava tão intensamente quanto a de qualquer soldado sulista. A sua infantaria avançava pela floresta, incitada

por brados e exclamações de entusiasmo, e até a artilharia empurrava as respectivas peças até ao limite da sua linha de fogo, combatendo como se se tratasse de escaramuças. Um pelotão de artilharia desengatou uma das peças no meio das fileiras dispersas de um regimento da União em fuga e começou a disparar salvas de metralha na direcção dos fugitivos à medida que estes passavam. As vítimas estavam demasiado aterradas para pararem, embora fossem suficientemente numerosas para «levantarem peça, trem, caixa de munições e cavalos e atirar tudo para as águas do Tennessee».

A artilharia de Grant não dava sinais de idêntico vigor. Vencido pelo desespero, o pelotão de uma peça de artilharia chicoteou selvaticamente os respectivos cavalos até os fazer sangrar, na tentativa de soltar uma peça encravada devido a um tronco de árvore preso entre a roda e o cano. Uma bateria, aterrorizada pelas detonações das munições de um armão, atrelou os cavalos e fugiu do campo de batalha a galope. Grant tentava reprimir estas situações de indisciplina sempre que se apercebia delas, mas não podia estar em toda a parte ao mesmo tempo, pelo que entre o final da manhã e o princípio da tarde a sua linha foi sendo continuamente empurrada para trás até rodar em torno do flanco posicionado no lado do rio, arriscando-se a ser atirada para dentro de água.

Enviara um pedido urgente de reforços, que, caso chegassem, inverteriam o rumo dos acontecimentos. Os mais próximos, porém, encontravam-se a meio dia de distância e não faziam ideia da verdadeira dimensão do perigo a que ele estava exposto. Enquanto esses reforços não chegassem, não lhe restava outra alternativa senão cavalgar entre as várias posições e sanar as crises à medida que elas se fossem desencadeando. Este não era um daqueles campos de batalha onde os generais europeus esperavam poder praticar a sua arte, não era uma pradaria, nem uma extensão de terra arável, como Waterloo ou até Gaugamela. Era, sim, um território onde nenhum exército europeu teria oferecido ou dado batalha, um labirinto de florestas e brejos onde nem o mais arguto dos observadores podia seguir atentamente os movimentos da linha de combate em toda a sua extensão. O fumo penetrava em todos os caminhos e reentrâncias, a mata cerrada distorcia e deflectia o som do canhoneio e da fuzilaria, que trespassava folhas e ramos de árvore, enquanto ribeiros e pântanos se interpunham entre as várias unidades, separando-as. Não existiam pontos de referência, ou residentes que pudessem indicar a direcção

a seguir, ou um *feldherrnbügel*\* a partir do qual o comandante ou o seu Estado-Maior pudessem observar o duelo entre aliados e inimigos. Era uma paisagem tipicamente americana, uma dessas regiões ermas e agrestes onde a colonização ainda mal chegara, pelo que Grant tinha de agir como um caçador, um pioneiro ou um habitante da floresta e abordá-la de uma forma tipicamente americana. Um general europeu teria batido em retirada ao primeiro sinal de dificuldades, optando por reagrupar em terreno mais seguro e combater noutro dia. Ele, porém, atormentado pela certeza de que a União não podia permitir-se recuar «um único passo» na luta contra a rebelião sulista, afastara toda e qualquer hipótese de retirada e cavalgava furiosamente entre as diversas posições desguarnecidas, mantendo os seus homens nos respectivos postos.

Nem todos conseguiram segurar as suas posições, nem mesmo os soldados dos regimentos que combatiam com mais ardor. A divisão do centro fora repelida ao início do dia, instalando-se em seguida numa posição que favorecia a defesa. Uma série de ataques do exército confederado esgotara entretanto a sua resistência, e as baixas amontoavam-se agora na sua frente de ataque, enquanto os feridos se encaminhavam em pequenos grupos dispersos para os hospitais de campanha improvisados na retaguarda do exército. A linha de batalha, no entanto, não fora rompida. Grant visitou-a por diversas vezes durante a tarde, levando os reforços que conseguia reunir e incitando o comandante com palavras de alento. À medida que o dia avançava, porém, os flancos foram ficando cada vez mais desguarnecidos, enquanto as tropas sulistas os envolviam pela esquerda e pela direita, separando as várias divisões umas das outras. O exército acabou por ficar praticamente cercado, a sua força de combate passou de cinco mil para pouco mais de dois mil homens, e no momento em que o inimigo ordenou o avanço da artilharia para varrer a frente de combate com descargas à queima-roupa, soçobrou. Grant deslocara-se até lá pela última vez, pelas quatro e meia da tarde. Às cinco e meia foi içada a bandeira branca e os sobreviventes apresentaram a sua rendição.

A sorte favoreceu os audazes. O comandante sulista perecera no ataque ao centro do exército inimigo e os seus subalternos não se deram ao trabalho de impedir que Grant voltasse a fechar a brecha

\* Em alemão no original. Termo formado a partir dos substantivos *Feldherr*, que significa general, e *hügel*, que significa colina, outeiro, cabeça, designando o posto de observação de um general a partir de uma zona elevada de terreno. (N. da t.)



CAPÍTULO 4  
O Falso Herói.  
Hitler como Comandante Supremo





POUCOS são os que hoje pensam em Hitler como um soldado. No entanto, era como soldado, quase tanto como político ou artista — o mais insólito dos seus delírios — que Hitler se via a si mesmo. O seu testamento político, ditado no *bunker* de Berlim, a 28 de Abril de 1945, enquanto as granadas russas caíam em catadupa nos jardins da Chancelaria do Reich, alguns metros mais acima, começa com a seguinte declaração: «Desde 1914, quando dei o meu modesto contributo como voluntário para a Guerra Mundial imposta ao Reich...» Nestas palavras ressoa distintamente a promessa feita ao povo alemão no dealbar da Segunda Guerra Mundial, no dia 1 de Setembro de 1939: «Não peço a nenhum alemão mais do que eu próprio me dispus a dar durante os quatro anos da [Primeira Guerra Mundial]... A partir de hoje, sou apenas o primeiro soldado do Reich. Uma vez mais, vesti aquela que é, para mim, a farda mais sagrada e mais querida. Não tornarei a despi-la enquanto a vitória não estiver assegurada, ou então não sobreviverei ao seu desfecho.» Trinta e seis horas depois de ter assinado o seu testamento político, envergando a sua versão pessoal do uniforme de campanha cinzento dos soldados alemães, o qual de facto nunca deixara de usar ao longo da guerra, encostou uma pistola regulamentar à têmpora e premiu o gatilho.

Não terá sido apenas por uma questão de simbolismo exterior, ou pela forma como morreu, que Hitler teve uma vida violenta. Ao assumir a presidência da Alemanha, em 1934, tornou-se o chefe em título do exército e da marinha alemãs. Em 1938, ao criar o «Oberkommando der Wehrmacht» (OKW), concentrou em si o comando operacional supremo da totalidade das forças armadas e, no dia 18 de Dezembro de 1941, quando destituiu Brauchitsch do comando do exército alemão, assumiu ele próprio esse posto, detendo a partir de então o controlo directo dos exércitos alemães no terreno. Ao longo de toda



a Segunda Guerra Mundial, seria o único alemão a ocupar, durante mais tempo e de forma ininterrupta, um cargo de alto-comando. Von Leeb, von Bock e von Rundstedt, os três comandantes do Grupo de Exércitos que estavam em funções quando a guerra deflagrou, foram demitidos antes do final do conflito, à semelhança de 11 dos 18 marechais de campo que ele mesmo promovera e de 21 dos seus 37 coronéis-generais. Nenhum dos quatro chefes de Estado-Maior do período da guerra — Halder (Setembro de 1939 — Setembro de 1942), Zeitzler (Setembro de 1942 — Julho de 1944), Guderian (Julho de 1944 — Março de 1945) ou Krebs (que morreu na Batalha de Berlim) — se manteve em funções por mais de três anos. Keitel e Jodl seriam os únicos a igualar o seu tempo de serviço no OKW, mas na qualidade de seus funcionários e não de decisores autónomos. Hitler era, por isso, o comandante supremo, não só em título mas também em termos efectivos e, por conseguinte, «o primeiro soldado do Reich», na plena acepção da expressão.

Não obstante, os cinco anos e meio de Hitler à frente do alto-comando, como ele próprio não se cansava de sublinhar, não foram a sua primeira experiência na vida militar. O tempo que serviu na Primeira Guerra Mundial foi quase tão longo — de Agosto de 1914 a Outubro de 1918 — e suficientemente coroadado de glória para encher de orgulho qualquer alemão da sua geração. «*Frontkämpfer*» — «combatente» — era como se designava a si próprio e com justeza. Ferido em três ocasiões — uma no rosto pelos estilhaços de uma granada de balas, outra na coxa esquerda pelo fragmento de uma bomba e outra com um gás que o deixou temporariamente cego —, participou em 12 batalhas, cumpriu 25 comissões de serviço nas trincheiras e foi distinguido ou condecorado cinco vezes, a última das quais com a Cruz de Ferro de Primeira Classe. À excepção de dois períodos de licença e de uma hospitalização de cinco meses, nunca abandonou o seu regimento, o 16.º de Infantaria da Reserva da Baviera, destacado para a Frente Ocidental, entre Outubro de 1914 e Outubro de 1918. «Hitler, o Bom Soldado» seria um qualificativo justo e desprovido de qualquer ironia.

As circunstâncias que rodeiam a sua participação na guerra encerram um significado de que a maioria dos seus biógrafos não se terá apercebido ou a que não terá prestado suficiente atenção. Esse significado tem que ver com o regimento no qual serviu e com as funções que desempenhou. Começemos pelo regimento. A sua natu-

reza ajuda a explicar por que motivo Hitler se referiria, anos mais tarde, à «impressão prodigiosa que a guerra deixou em mim, a melhor de todas as experiências» e ainda porque lembraria que «os interesses individuais — os interesses do nosso próprio ego — podem ser subordinados ao interesse comum». Todos os biógrafos de Hitler o retratam como um indivíduo que, desde jovem, se coloca à margem dos outros por se sentir diferente, por não ver reconhecidos os seus méritos e em virtude de um sentimento de frustração ao nível da realização pessoal. Para os psicólogos sociais, ele constitui o exemplo clássico do indivíduo do sexo masculino de classe média-baixa, enfurecido pelos constrangimentos e obstáculos impostos por uma ordem social estabelecida que não permite a ascensão a alguém de origens humildes, a não ser que possua os conhecimentos e as credenciais que faltavam a Hitler ou que ele considerava inúteis. A sordidez e a miséria que marcam os anos que viveu em Viena podem, por isso, ser encaradas como a consequência de uma escolha pessoal. São anos marcados por empregos precários, como a venda ambulante de postais, pela deambulação por quartos alugados e albergues para celibatários, pela preocupação com as aparências, pela ânsia de ser aceite como alguém que claramente não era — artista, arquitecto, intelectual, boémio oriundo de boas famílias, cadete da elite imperial alemã. Foi a obstinação do império austríaco em vê-lo tal como ele era, ou seja, como um indigente que tentava fugir ao serviço militar — o que implicaria servir ao lado dos checos, croatas e judeus que ele evitava e desprezava — que o levou a fugir em 1913 para a cidade alemã de Munique. Aí, conseguindo ser declarado «livre» do serviço militar habsburgo, encontrou um refúgio físico e, de certo modo, psicológico. Mais tarde, referir-se-ia aos meses em que viveu como hóspede em casa de um alfaiate e da sua família como a época «mais feliz e prazenteira» da sua vida. A felicidade, porém, duraria pouco. Continuou a ser um homem à margem, rodeado pela *Germantum* — a germanidade — que tanto admirava, mas à qual não pertencia.

Foi então que chegou o mês de Agosto de 1914 e, com ele, a guerra e o soar do clarim. Enquanto súbdito austríaco, Hitler não era obrigado a cumprir serviço militar no exército bávaro (nos termos da associação imperial de 1871, a Baviera mantinha um exército separado da instituição militar alemã, embora integrado nela). Apesar disso, estava decidido a alistar-se e, a 3 de Agosto, três dias depois de a guerra ter deflagrado, solicitou ao rei da Baviera autorização para



# Índice Remissivo

- ABWEHR: 350, 368  
Academia Militar de Mezières: 236, 238  
Academia Militar de St. Cyr: 235  
Academia Militar de West Point: 222,  
233-4, 237-9, 242, 245-8, 251, 256, 263,  
266, 268, 276-7, 412, 445  
Adams, Henry: 295  
Afeganistão: 52, 88, 98, 104, 153, 163  
Albuera, Batalha de: 150  
Alexandre, o Grande: 16, 18, 22-3, 29,  
31-123, 142-5, 152-67, 173-5, 178, 182-5,  
188-9, 192, 194, 196, 203, 207, 209,  
212, 234, 243-4, 270, 275, 282, 287, 300,  
315, 351, 396, 401-5, 409-16, 419-20,  
425, 438  
Alexandria: 46  
Ancara: 43  
Anzio: 363  
Aornos: 100, 104  
Apalaches: 281  
Appomattox: 269, 280, 295  
Ardenas: 335-6, 352, 363  
Argaon, Batalha de: 191, 194  
Aristóteles: 34-5, 37, 62, 121, 143  
Arriano: 63, 66, 68, 71, 73, 75, 77, 80, 89,  
102-3, 110, 112, 115, 119, 122, 443  
Assaye, Batalha de: 146, 153, 179, 191-4  
Asseerghur: 209  
Atenas: 36-7, 54, 70, 83, 101  
Átila, o Huno: 32  
Austerlitz, Batalha de: 156, 226, 336  
Áustria: 151, 170, 233, 235, 330-1, 345
- BABILÓNIA: 43, III, III, 114, 153  
Báctria, cavalaria: 49  
Badajoz, Cerco de: 150, 170, 196, 199  
Badian, Ernst: 118-9, 443  
Baiona: 178  
Bakub (no texto aparece Bacu): 340,  
367-8  
Balcãs: 55, 87, 92, 94, 311, 332, 338-9, 349  
Balcãs, batalhas dos: 87, 92, 94
- Bálticos, estados: 332  
Bapaume: 313  
Barbarossa: 337-41, 356, 358, 362, 364,  
390  
Barzun, Jacques: 242  
Bathurst, Lorde: 171  
Baviera: 21, 286, 306-9, 313, 321  
Beas, Rio: 73, 81  
Beauregard, general Pierre: 256, 294  
Beck, general Ludwig: 334  
Bélgica: 311, 335, 352, 421  
Belmont, Batalha de: 253, 288  
Bengala: 142, 189  
Berar: 191, 194  
Berchtesgaden: 373, 375, 377  
Berghof: 361, 368, 373, 377, 389  
Berlim: 31, 305-6, 337, 342-3, 351, 359, 377  
Berthelot, general H.-M.: 421  
Black River Bridge: 261  
Blomberg, marechal de campo Werner  
von: 346-7  
Blücher, marechal de campo G.-L. von:  
128, 130, 134, 138-9, 151, 275  
Bock, marechal de campo Fedor von:  
306, 326-7, 339, 348, 365-7, 380  
Bodenschatz, general K.-H.: 377  
Bombaim: 145, 191  
Bonaparte, Napoleão: 18, 20-3, 31-2, 86,  
91, 119, 127-36, 146, 148, 150-1, 155-6,  
159, 169, 173, 175-6, 180, 183, 185-6,  
188, 194, 198, 203, 212-3, 223, 226, 229,  
230, 238, 251, 270, 275-6, 283, 300, 316,  
320, 332, 336-7, 408  
Booneville, Batalha de: 248  
Bormann, Martin: 358, 370  
Borodino, Batalha de: 156  
Bracken, Paul: 430, 447  
Bragg, general Braxton: 256  
Brandy Station: 318  
Brauchitsch, marechal de campo W.  
von: 305, 347-8  
Braun, Eva: 356

- Buçaco, Batalha do: 148, 184, 197, 202  
 Bucéfalo: 34, 71-2, 87, 109  
 Buckner, general Simão Bolívar: 237, 241  
 Buell, general Carlos: 252, 256, 277, 291-2  
 Buena Vista, Batalha de: 241  
 Bull Run, Batalha de: 248  
 Bundy, McGeorge: 438  
 Burnside, general Ambrose: 251, 256  
 Burroughs, Surgeon: 186  
 Busch, marechal de campo E.: 418
- C3I: 411  
 Cadorna, marechal Luigi: 418, 423  
 Calcutá: 144-5, 153, 208  
 Calístenes: 62, 74, 77, 120  
 Campbell, general Colin: 194, 196  
 Canning, coronel: 138, 187  
 Caporetto, Batalha de: 418  
 Cartago: 161  
 Casa Branca: 295, 298, 351, 429  
 Cáspio, Mar: 340, 365  
 Castlereagh, Lorde: 146, 148, 151  
 Cáucaso: 338, 340, 350, 365-7, 369, 371, 374  
 César, Júlio: 18, 22-3, 92, 119, 156, 159, 162, 195, 415, 419  
 Champion's Hill, Batalha de: 261, 295  
 Chancelaria do Reich: 305, 351-2  
 Charteris, brigadeiro J.: 421-2  
 Chattanooga: 260, 268, 281, 287, 295  
 Chickamauga: 249  
 Churchill, Winston: 351, 381, 409, 416, 435  
 Cidade do México, Batalha de: 239-41  
 Cidade Rodrigo: 150, 185, 196, 199, 209  
 Cilícia: 43  
 Cincinnati (cavalo de Grant): 268  
 Cirópolis: 88  
 Cita, cavalaria: 49  
 Clancarty, lorde: 207  
 Clausewitz, Karl von: 17-8, 20-1, 35, 329, 364-5, 385  
 Cleito: 67-8, 72-4, 86, 120  
 Coeno: 82  
 Cohen, Professor Ronald: 24, 443  
 Cold Harbor: 295, 318  
 Companheiros do rei: 56  
 Companhia das Índias Orientais: 142, 144  
 Copenhaga (cavalo de Wellington): 130, 135, 137-8, 192  
 Corieno: 100, 104  
 Corpo Expedicionário Britânico: 309, 335-6, 348  
 Crevel, Martin van: 339, 412-3, 447  
 Creta: 338
- Crimeia: 251, 273, 340, 365-6  
 Cruz de Ferro: 306, 310, 312, 314, 325, 408  
 Cumberland, Rio: 281, 283, 288, 290  
 Curcio: 443
- D'ALBE, BACLER: 175  
 Danúbio, Rio: 94-5  
 Dário: 41, 43-9, 52, 64-7, 72, 75-6, 81, 85, 92, 102, 106-7, 111-8, 155, 192, 194, 417  
 Davis, Jefferson: 268, 275, 399, 416  
 De Lattre de Tassigny, J.M.G.: 405  
 Dent, Julia (mulher de U.S. Grant): 239  
 Dietl, general E.: 326, 362, 405  
 Diodoro: 80, 443  
 Divale, W.T.: 23, 443  
 6.ª Divisão da Reserva da Baviera: 308  
 Dollman, general F.: 380  
 Don, Rio: 332, 340-1, 365-7, 372-3  
 Dunquerque: 348, 362
- EGEU, MAR: 58, 64, 102  
 Egipto: 43, 46, 62, 70, 77, 83, 102, 114, 158, 190, 227  
 Ehrenburg, Victor: 35  
 Eisenhower, presidente Dwight: 16, 234, 435  
 El-Alamein, Batalha de: 373  
 Elers, George: 144  
 Elphinstone, Mountstuart: 208-9  
 Engels, Donald: 90, 111, 444  
 Enigma, encriptadora: 385  
 Esparta: 36, 41, 101, 165, 358  
 Estados Unidos da América: 22, 32, 233, 237, 239, 241-7, 256, 276, 281, 296-7, 315, 337, 340, 362, 381, 399, 430-3, 435, 437  
 Estaline, Josef: 114, 372, 409  
 Estalinegrado: 114, 340-1, 350, 360, 364-74, 376, 379, 390-1  
 Estepe de Kalmuk: 341  
 Eton College: 143  
 Eufrates, Rio: 43, 47, 65, 114  
 Ewell, general Richard: 256  
 Exército Alemão: 305, 308-9, 316, 332, 334, 344-5, 380-1, 384, 387-8, 423  
 Exército Austro-Húngaro: 316  
 Exército Britânico: 68, 71, 80, 130, 148, 167, 169-70, 172, 179, 247, 311-2, 316, 323, 366, 423, 426  
 Exército da Baviera: 307  
 Exército Francês: 31, 131-2, 136-7, 148, 168, 171, 173, 199, 231, 283, 316, 336, 418, 423-4  
 Exército Russo: 423  
 Eylau, Batalha de: 156

- FELSENEST* (NINHO DE ÁGUIA): 352  
 Fenícia: 83  
 Filipe, o Acarniano: 72  
 Filipe II da Macedónia: 33, 35, 52  
 Filo de Bizâncio: 161  
 Filotas: 39, 120  
 Finer, professor Samuel: 20  
 Finley, professor Moses: 212, 444  
 Five Forks: 288  
 Flandres: 143, 151, 170, 176, 229, 309-10, 314, 337, 343  
 Flottenkalendar: 382  
 Foch, marechal Ferdinand: 319, 418  
 Forrest, general Nathan: 256-7, 275, 290  
 Fort Donelson: 249, 264, 266, 269, 277, 280, 283, 287-8, 290-1  
 Fort Henry: 266, 290  
 Fort Sumter: 244  
 Fox, Robin Lane: 34, 56, 77-8, 89, 268, 444  
 Frederico, o Grande: 18, 21, 36, 48, 54, 117, 162, 196, 226, 401, 414  
 Frente Leste: 349, 370  
 Frente Ocidental: 306, 313-5, 321, 327, 343, 382, 401  
 Fritsch, general W. von: 346-7  
 Fuentes de Oñoro, batalha de: 150, 199  
 Fuller, general J.F.C.: 153, 334, 444, 446
- GALENA*, ILLINOIS: 242, 244, 246, 255, 257-8, 446  
 Garibaldi, Giuseppe: 295  
 Garlan, Yvon: 69, 160, 444  
 Gaugamela, batalha de: 48, 52, 66-7, 69-70, 76, 80, 87, 92, 102, 107, 114-8, 152, 155-6, 159-60, 220, 417, 444  
 Gaza, Cerco de: 45, 64, 88, 100, 106, 114, 196  
 Genghis Khan: 157-8  
 Georges, general Joseph: 418  
 Getas: 40, 94-5  
 Gettysburg: 22, 79, 300  
 Giesing, Dr. Erwin: 391  
 Gladstone, William: 78-9, 186, 435  
 Goebbels, Joseph: 387, 402  
 Górdio, nó: 43, 71, 90  
 Göring, Reichsmarshal H.: 341, 373  
 Granico, Batalha do Rio: 41, 42, 44, 48, 58, 63, 65, 68-9, 80, 87, 90, 92, 107, 110-3, 116-7, 160  
 Grant, general U.S.: 16, 86, 215-301, 315-6, 318, 320, 399, 401-4, 407, 409, 411-3, 415-6, 420, 445-6  
 Grécia: 16, 24, 36, 40-1, 43, 52, 54, 62, 64, 70, 81, 83, 90, 100-2, 116, 332, 338, 349, 362
- Guderian, general Heinz: 306, 334-5, 339, 348, 380, 384, 390, 401, 405, 415  
 Guerra Civil Americana: 156, 217, 222, 226, 250, 269, 280, 318-9  
 Guerra com o México: 241  
 Guerra dos Sete Anos: 144  
 Guerra dos Trinta Anos: 405  
 Guerra Franco-Prussiana: 22, 319  
 Guerra Peninsular: 138, 148, 169-70, 176, 179, 187  
 Guerra Russo-Japonesa: 319  
 Guerra Russo-Turca: 319  
 Guilmartin: 45, 235
- HAIG*, MARECHAL DE CAMPO  
 DOUGLAS EARL: 35, 421-3  
 Halder, general F.: 306, 326-7, 348-50, 367-70, 380, 446  
 Hale, Sir John: 234  
 Halicarnasso: 42, 100, 104, 106  
 Halleck, general Henry: 251, 255-6, 266, 300  
 Hammerstein-Equord, general Kurt von: 347  
 Hammond, N.E.L.: 67, 103, 123, 444  
 Hancock, general W.S.: 265  
 Haye Sainte, La: 132, 134, 136, 206  
 Hidaspes, Batalha de: 75, 92, 104  
 Hill, general Ambrose: 188, 198, 226, 256, 261, 295  
 Himmler, Heinrich: 350  
 Hindenburg, marechal de campo  
 P. von: 345, 347  
 Hitler, Adolf: 16, 22, 32, 118, 303-92, 395, 399-405, 409-13, 415-6, 418, 434, 439-40, 446-7  
 Hoepner, general E.: 348, 380, 409  
 Hollebeke: 309  
 Homero: 34-5, 56, 78, 160  
 Hooker, general Joseph: 251, 253, 256  
 Hoth, general H.: 339, 380  
 Hougomont: 131-6  
 Hudson, Rio: 233
- ILÍRIOS*: 40, 81-2, 95, 97, 100, 106  
 Índia: 16, 32, 47, 52, 59, 67-8, 71-2, 74-5, 82-3, 90, 104, 118, 129, 144-6, 153-4, 163, 169-70, 175, 178-82, 184, 187, 189-91, 194, 199, 208-9, 241, 244, 264, 358, 401  
 Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI): 22, 440, 441  
 Irving, David: 362, 446  
 Islão: 157, 397  
 Isócrates: 34, 65  
 Isso, Batalha de: 44-5, 48, 59, 64-5,

- 68-9, 72, 75, 79-80, 85, 87, 92, 102, 107, 110-1, 116, 192, 204, 206-7, 244, 351, 376, 378, 417
- JACKSON, GENERAL THOMAS (STONEWALL): 256, 257
- Jaxartes, Rio: 88
- Jeschonneck, general H.: 381
- Jhelam (ou Jhelum): 90, 104-5
- Jodl, general Alfred: 306, 347, 350, 357, 362, 369-70, 375, 377-8, 402
- Joffre, marechal Joseph: 409, 421
- John de Nassau: 235
- Johnson, presidente Lyndon: 399
- Johnston, general A.S.: 219, 256, 280, 290, 293
- Johnston, general Joseph E.: 256
- Judaísmo: 328
- Junge, Traudl e Capitão: 353
- Justino: 73, 80, 444
- Juventude Hitleriana: 345
- KAITNA, RIO: 192
- Keitel, marechal de campo Wilhelm: 306, 347, 349-0, 357, 369, 402
- Kennedy, presidente John F.: 435, 437-9
- Kennedy, Robert: 437
- Kerch: 365, 409
- Kesselring, marechal de campo Albrecht: 326
- Kharkov: 340, 363, 365-6
- Kiev: 332, 339
- Kirby Smith, general Edmond: 256
- Kleist, marechal de campo E.: 373, 380
- Kluge, marechal de campo G. Von: 380
- Krebs, coronel H.: 306
- Kursk: 342, 360, 363-4
- LARPENT, PROMOTOR DE JUSTIÇA GENERAL: 170, 178, 183, 185, 445
- Lee, general Robert E.: 237-8, 256-7, 269, 276, 280, 300, 445-6
- Leeb, marechal de campo W. von: 306, 326-7, 339, 348, 380
- Leipzig: 151, 156, 276
- Lenine, V.I.: 423
- Leonato: 105
- Leuctra: 48, 116, 165-6
- Líbano: 45, 114
- Líbia: 338, 349
- Liddell Hart, Basil: 317, 334
- Ligny: 128-9, 134
- Lincoln, Abraham: 78-9, 217, 248, 251, 266-7, 270, 272, 295, 298-9, 434, 445-6
- Linha Maginot: 335-7
- List, marechal de campo W.: 309-14, 321, 325, 329, 337, 343, 366-7, 369, 382
- Lodi, Batalha de: 159
- Longstreet, general James: 237, 256, 280, 300
- Lowe, Hudson: 176
- Ludendorff, general E. von: 314, 328, 386, 423
- Luftwaffe: 336, 341, 345, 373, 381
- Lutz, general O.: 334
- Lyautey, marechal L.H.G.: 407
- MACARTHUR, GENERAL DOUGLAS: 64, 102
- Macedónia: 33-4, 36, 38, 40, 47, 52-7, 63, 68, 70, 87, 90, 95, 153, 164, 234, 396
- Mahan, Dennis Hart: 238
- Malianos: 104-5
- Malvinas, Ilhas: 102, 426
- Mamelucos: 157
- Manstein, marechal de campo E. von: 326, 335, 341, 347, 363, 373-4, 376, 380
- Maomé: 32, 157
- Maratas: 178
- Marchand, general J. B.: 424
- Marengo, Batalha de: 276
- Marinetti, Filippo: 327
- Marinha Alemã: 305, 347, 353, 383
- Marinha dos Estados Unidos da América: 32
- Marlborough, 1.º duque de: 16, 21, 226, 229, 286
- Marne, Batalha do: 378, 421
- Marx, Karl: 17, 19, 329-31
- Marxismo: 328, 442
- Massacre dos Inocentes (Kindermord bei Ypern): 309-10
- Mauerwald: 353
- Maurice de Nassau: 225
- McClellan, general George: 237, 251, 256, 266, 300, 318
- McClerland, general John: 261-2, 266, 274, 291
- McFeely, William: 240, 265, 446
- McGrigor, cirurgião: 171, 183, 185
- McNeill, professor William: 25, 234, 447
- McPherson, general James: 262, 271
- Meade, general George: 251, 256
- Mediterrâneo: 40-5, 63, 100, 102, III, 114, 366
- Memphis e Charleston, caminho-de-ferro de: 281
- Mesopotâmia: 47, 82-3, 114, 227
- Messines: 309, 323
- Mieza: 34-6
- Mileto: 42, 63, 100, 104

- Mississípi: 217, 219, 238, 245, 248, 269, 281, 283, 299  
 Missouri, Rio: 242, 267, 283  
 Model, marechal de campo W.: 326, 380, 405  
 Molotov, V.: 333, 337  
 Moltke, Helmuth von (o Velho): 16, 258, 316  
 Mongóis: 32, 145, 157  
 Montecuccoli, Raimondo: 405-7, 426  
 Monterrey, Batalha de: 239-40  
 Montesquieu: 417  
 Montes Tauro: 111  
 Montgomery, marechal-de-campo visconde: 104, 384, 405, 415  
 Montreuil: 421-2  
 Morell, Dr.: 359-60, 390  
 Mortain: 363  
 Moscovo: 22, 32, 249, 316, 338-40, 348, 359, 362, 368-9, 440  
 Multan: 88-9, 100, 102, 104-5, 162, 194  
 Murray, Sir George: 31, 176, 181  
 Mussolini, Benito: 338, 342, 359
- NAPOLEÃO III: 273, 399  
 Nassau, soldados de: 131  
 Nietzsche, Friedrich: 329  
 Nivelles, Batalha do: 181  
 Nixon, presidente Richard: 435  
 Normandia: 352-3, 363  
 North Anna: 295, 318  
 Nova Orleães: 239
- OBERSALZBERG: 351  
 Ohio, Rio: 219, 237-8, 248, 283, 293  
 OKH (Oberkommando des Heeres): 338, 349-50, 353, 369  
 OKL (Oberkommando der Luftwaffe): 350  
 OKM (Oberkommando der Kriegsmarine): 350  
 OKW (Oberkommando der Wehrmacht): 305-6, 338, 342, 347, 349, 350, 353, 369, 373  
 Olímpia: 33-4, 37-8, 85  
 Opis: 74, 79, 82, 87, 90, 107, 122  
 Orthez, Batalha de: 150, 152
- PACTO RIBBENTROP-MOLOTOV: 333  
 Pakenham, Edward: 177, 181, 200-1  
 Palestina: 83, 332  
 Palo Alto, Batalha de: 239-40  
 Paris: 31, 151, 224, 231, 317, 319, 332, 337, 359, 440, 447  
 Parménio, general: 38-40, 42, 45-6, 62-7, 72, 76, 80, 107-8, 115-7, 120
- Partido Nazi: 315, 331, 345  
 Passagem de Chipka: 93  
 Passagem de Wolf: 97  
 Paulus, marechal de campo F.: 341, 373-4, 378-80  
 Pausânias: 37-8  
 Pearl Harbor: 340  
 Pele: 34  
 Pemberton, general John: 240, 260-1, 277  
 Península Ibérica: 171, 178, 181-2, 187, 191, 194-5, 202, 226  
 Perdicas: 87, 101-2  
 Pérsia: 34, 36, 39-40, 47, 62-3, 70, 81, 92, 100  
 Pétain, marechal H.-P.: 424  
 Petersburg (EUA), Cerco de: 269, 272-3, 295, 318-9  
 Picton, general Sir Thomas: 211  
 Píparo, Rio: 44, 111  
 Pittsburg Landing: 219, 290  
 Plevna, cerco de: 93  
 Políbio: 161  
 Polónia: 332-3, 352  
 Porter, almirante David: 280  
 Porter, ten. cor. Horace: 258-61, 264-5, 272, 276  
 Port Hudson: 283  
 Porto, Batalha do: 148, 184  
 Portugal: 132, 148, 179, 196-7, 199, 200, 213, 236  
 Primeira Guerra Mundial: 71, 99, 305, 306, 310, 315, 319, 320, 322, 324-7, 331-2, 352, 369, 383-4, 387, 391, 401, 404, 424  
 Prússia: 18, 35-6, 54-5, 146, 170, 233, 339, 351-2, 388  
 Ptolomeu: 62, 89  
 Punjabe: 53, 81-2, 102, 163, 194
- QUERONEIA, BATALHA DE: 36-7, 87
- RASTENBURG: 351-3, 356, 361, 368, 371, 373, 376, 385, 389-90, 392, 401  
 Rawlins, ten. Cor. John: 255, 257-8, 266, 271  
 Reagan, Presidente Ronald: 22, 435, 440  
 3.º Regimento de Guardas de Infantaria: 345, 347  
 16.º Regimento da Reserva da Baviera, *ver* Regimento List  
 21.º Regimento de Illinois: 250, 253, 255, 276  
 33.º Regimento de Infantaria: 143-4  
 58.º Regimento de Infantaria: 143  
 73.º Regimento de Infantaria: 135, 143  
 76.º Regimento de Infantaria: 143



- Regimento List: 308-12, 313-14, 321, 325, 329, 337, 343, 382
- Reichenau, marechal de campo W. von: 367, 380
- Reichstag: 308, 370, 409
- Resaca, Batalha de: 239
- Revolução Francesa: 19, 167
- Richmond (Virgínia): 127-8, 151, 275, 282, 318, 399
- Richmond, duquesa de: 127, 151, 275
- Roma: 20, 32, 359
- Rommel, marechal de campo E.: 326, 338, 342, 366, 373, 380, 384
- Roosevelt, presidente F. D.: 351, 435
- Rosecrans, general William: 256
- Rostov-on-Don: 332, 340
- Royal Military Academy of Sandhurst: 235
- Royal Military Academy of Woolwich: 236
- Rundstedt, marechal de campo G. Von: 306, 326-7, 339, 348, 380, 405
- Rusk, Dean: 438
- Rússia (*ver também* União Soviética): 17, 31, 114, 233, 311, 330-3, 337-40, 342, 349, 357, 364-5
- SALAMANCA: 127, 150, 152, 181-2, 186, 199-202, 204
- Sangala: 100, 104
- San Sebastian: 190, 196
- Santa Helena, Ilha de: 169
- Santuário de Siwa: 46, 70, 77, 78, 114, 122
- Schlieffen, marechal de campo A. Von: 317, 333, 339
- Schmundt, general R.: 353, 357, 370, 402
- Schörner, marechal de campo F.: 326
- Scott, general Winfield: 241, 250, 276
- Sebastopol: 365
- Sedan: 95, 399
- Seringapatam, cerco de: 146, 194
- Shelley, Lady: 128
- Sheridan, general Philip: 256
- Sherman, general W.T.: 219, 222, 237-8, 256, 262, 266, 273-4, 286, 291, 293, 298, 320, 445
- Shiloh, Batalha de: 217, 252-3, 268-71, 277, 280, 287-8, 290, 293-5, 298
- Síria: 43, 83, 111, 114
- Smith, general Sir Harry: 181
- Sogdiana: 100
- Somme, Batalha do: 31, 309-1, 314, 323
- Spa: 352, 421
- Speer, Albert: 358, 360-2, 374, 382-3, 389-90, 410, 447
- Sponeck, general H. Von: 409
- Spotsylvania: 295, 318
- SS: 350, 353, 374, 388
- St. Arnaud, marechal A.-L: 273
- St. Louis: 239
- Stanhope, Lorde: 153, 168, 180, 444
- Stanton, Edwin, Secretário da Guerra: 299
- Stauffenberg, conspiração de: 388
- Stauffenberg, coronel Claus von: 388
- Stuart, general J.E.B.: 31, 256
- Student, general K.: 405
- TALAVERA, BATALHA DE: 148, 153, 204, 206, 211
- Tannenberg: 352
- Tarn, Sir William: 118-9, 444
- Taulantianos: 96, 98
- Taylor, A.J.P.: 333
- Taylor, general Maxwell: 241, 276, 438
- Tebas: 36-7, 40, 54, 83, 87, 100-2
- Tejo, Rio: 148
- Tennessee, Rio: 217-8, 220, 274-5, 280, 283, 290-1
- Termópilas: 70
- Tigre, Rio: 47, 114-5
- Tipu, Sultão: 146, 178
- Tiro: 45, 64-5, 100, 102, 104, 106, 114, 196
- Tocqueville, A.: 212
- Toulouse, Batalha de: 130, 150
- Trácios: 57, 81-2, 92-4, 106
- Tredegear Iron Works: 282
- Tribálios: 40, 82, 92, 94-5
- Tróia: 34, 41, 56, 77, 87, 105, 160
- UCRÂNIA: 332, 351-2, 360, 368
- Udet, general E.: 381
- União Soviética, *ver também* Rússia: 337-8, 365, 381, 434, 437-8
- Union Sacrée: 435
- Uxbridge, general lorde: 134, 137
- VARSOVIA: 31, 417
- Vauban, marechal marquês de: 99, 103
- Versalhes: 344-5, 388
- Vicksburg: 238, 253-4, 260, 262, 265, 269-70, 272, 274, 277, 280-3, 286, 295
- Viena: 31-2, 151, 224, 307, 365, 382
- Vietname: 399
- Vimeiro, Batalha do: 148, 197
- Vinita: 351, 368, 371, 390, 392
- Vitória, Batalha de: 130, 150-1, 327
- Volga, Rio: 340, 365, 367, 369, 371-2
- Voronezh: 366, 376

- WAGH, DHUNDIA: 146  
 Wallace, general Lew: 197, 270, 289,  
     291-4  
 Wallenstein: 18  
 Warlimont, general W.: 369-70, 447  
 Washington, general George: 31, 41,  
     226, 238, 243, 250-1, 268, 280, 296,  
     409, 429, 440, 446  
 Watergate: 22  
 Waterloo, Batalha de: 22, 68, 127-30, 135,  
     138-9, 150, 152, 155-6, 159, 168-9, 174,  
     196, 198, 203-4, 206-7, 210, 213, 220,  
     223, 226, 270, 287, 320, 445  
 Wavell, general lorde: 91  
 Weichs, marechal de campo M. von:  
     367, 380  
 Weimar: 346  
 Wellesley, 1.º marquês: 142, 444, 445  
 Wellington, Arthur Wellesley, 1.º duque  
     de: 16, 18, 68, 86, 125-213, 222-3, 226-7,  
     229, 232, 243-4, 252, 258, 261-2, 264,  
     267-71, 275, 282, 287, 315, 320, 398,  
     401-4, 408-9, 411-6, 419-21, 444-5  
 Wietersheim, general G. Von: 409  
 Wilderness, Batalha de: 264-5, 288  
 Wolfe, general James: 226, 229  
*Wolfschanze* (Toca do Lobo): 352  
*Wolfschlucht* (Ravina do Lobo): 352  
 Wytschaete: 312
- XENOFONTE: 81, 160-1
- YOUNG, JOHN RUSSELL: 276, 446  
 Ypres: 309, 314, 321
- ZEITZLER, GENERAL K.: 306, 326, 342,  
     369-71, 376-80, 382  
 Zhukov, general Georgi: 371-2